

Ossuário [micro-antologia]

Escrevo para transmutar as sombras da memória  
com os ossos que sobejaram das velhas angústias  
como quem mutila corações fechados e os desnuda  
trémulos ao orvalho das manhãs de cinza  
Se os pássaros perguntam porque parti explico-lhes a sede  
feérica do corpo, a absurda necessidade de florir em outras planícies  
onde os esqueletos se deitam a adormecer os antigos crânios

Olho ao redor e há o silêncio estelar dos mortos  
A caneta emudecida perpassa o latejante e arterial  
murmúrio do peito. Os insectos cicizam eternidades ao redor  
da noite e o meu útero transborda de peixes, constelações,  
aves de rapina – tesouros ossuários que trouxe das viagens

ou talvez memórias que pouso sobre os ombros  
queimaduras que inumero e nomeio como quem escreve  
um epitáfio no ventre e abre as mãos à nudez de uma ausência

Não voltarei aos lugares amados nem os dedos dedilharão idílios  
cálidos contra os ventos crepitantes. Resta o corpo deserto,  
um nome na pele. E a violência muda dos espéculos.

Não pude escapar à fosforescência dos lábios  
porque a boca era a morada agridoce de astros  
e o beijo tinha a acidez de maçãs feéricas  
nutridas de miraculosos venenos, poções verdes  
láudano

No corpo há um cálice a transbordar de sede

Pois que a pele se permitia chagar de voláteis sombras de asas  
de dedos de luas em pleno incêndio

À garganta ascende um orgásmico sopro  
Sigo o arrepio angustiado das aves e um cântico criptal  
não cessa de ecoar nos ossos

Basta um sopro noctívago para impelir as palavras.

A treva explode para lá dos muros quando ao silêncio celular  
dos claustros escrevo as casas mortas e ouço crescer  
na paisagem a gestação cíclica dos túmulos.

Basta um entardecer um murmúrio de cinzas nos xistos

ou um oceano uterino a desaguar das fontes

para que a mão siga o espasmo da sombra

acenda a matéria estelar dos abecedários

A fosforescente dactilografia do medo

[As mulheres]

As mulheres pálidas escrevem cicatrizes nos pulsos de gesso

Têm palavras uterinas por dentro dos regaços.

Trémulas como aves suicidas, silenciosas e agudas viúvas

Afiam lâminas de facas nos pescoços

Tecem feridas na alvura da pele

E maculam de sangue os lençóis de linho – os castos e impolutos lençóis

de Camilo Pessanha

Um dia hão-de sentar-se nuas à sombra maternal

De árvores. Soltarão na planície os seus cabelos de magma

E abrirão os braços riscados ao voo inicial de todos os pássaros

Guardam precipícios no coração sob a plumagem

Levam no peito punhais em vez de quilhas

[As palavras]

As palavras inclinam-se sobre o silêncio das luas  
como crianças em torno de um círculo escrito a giz  
ou viúvas ao redor da mesa posta

Quantas vezes segui o sopro noctívago dos versos  
E encontrei a morte no álamo dos dedos?  
Já não posso medir o latejante desespero das aves ou  
dactilografar a simetria da memória  
- toda a ausência é de musgo, criptogâmica

Resta ouvir a noite deitada em cada gesto  
E simular que posso amputar o coração

[As crianças]

As crianças trazem os olhos cheios de sangue  
Desenham luas nas sombras das cidades

Voláteis, como anjos, ferem-se  
e escrevem *noite noite* na ponta das asas

Cheiram a rosas e a círculos brancos mas  
cavam buracos nos corações pequenos e  
degolam pássaros como quem almeja o voo

Ouço-as

Sepultarão brinquedos na planície?  
Ossos, clepsidras, silabários